

ECONOMIA

Armínio já vê o fim da recessão

Presidente do Banco Central diz que queda do PIB poderá ficar em, no máximo, 1% este ano

Claudia Schüffner*, Shirley Emerick,
Marcelo Aguiar e Monica Magnavita*

RIO e BRASÍLIA

O presidente do Banco Central, Armínio Fraga, disse ontem que já é possível ver sinais de que a economia brasileira está no fim da fase recessiva e afirmou que o Governo brasileiro vai rever a previsão de queda do Produto Interno Bruto (PIB) este ano com o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ele estima que essa queda pode ser de 1% ou até mesmo zero, um resultado muito melhor do que a previsão de 3,8% acertada com o FMI.

— Podemos pensar numa queda de 1% ou próxima de zero em 1999, com um crescimento de 4% do PIB no próximo ano — disse Armínio.

Segundo ele, a recuperação da economia ajudará a reduzir a taxa de desemprego, que bateu recordes no mês de abril, atingindo 22% da População Economicamente Ativa do ABC paulista.

— À medida que a economia voltar a crescer minha expectativa é de que no segundo semestre a taxa de desemprego vá cair — disse Fraga.

Ele afirmou que os sinais até agora apontam para a estabilização e a retomada do crescimento no segundo semestre, mais rapidamente do que ele mesmo previra no início deste ano. Em entrevista a correspondentes estrangeiros, Armínio disse que um dos sinais de que o ciclo recessivo está próximo do fim é o fato de que houve queda de apenas 1% do PIB no primeiro trimestre em relação ao mesmo período de 98. O presidente do BC apontou três fatores que vão contribuir para a recuperação da economia a partir de agora: as exportações, que devem reagir com o câmbio mais confortável; a retomada dos investimentos privados; e o aumento do consumo de bens duráveis.

No que depender do BC, a taxa de juros continuará em queda — acompanhando a inflação — o que também ajuda a melhorar o cenário econômico.

Bier: preocupação com os EUA não muda tendência de queda de juros

O secretário-executivo do Ministério da Fazenda, Amaury Bier, afirmou ontem que o possível aumento dos juros nos Estados Unidos não vai mudar a tendência de redução das taxas brasileiras. Segundo ele, a postura do Fed (o BC americano) é tentar influenciar o mercado com declarações e simples movimentos de juros, o que significa que uma brusca correção dos juros nos EUA é algo que não está em jogo.

— Acho que um aumento de 0,25 ponto percentual dos juros americanos não vai influenciar a tendência de queda dos juros da economia brasileira.

Bier afirmou que o Governo está estudando a isenção da cobrança da Contribuição Provisória sobre Movimenta-

ção Financeira (CPMF) nas operações das bolsas de valores. Essa reivindicação foi feita pela Bovespa, mas ainda não há uma decisão. A CPMF voltará a ser cobrada a partir de 17 de junho, com uma alíquota de 0,38%. Na vigência anterior da contribuição, que durou até fim de janeiro deste ano, os investidores das bolsas não tinham isenção.

No dia 7 de junho, o Brasil vai receber uma missão do FMI para a revisão das metas fixadas em fevereiro. Bier afirmou que o sistema de metas de inflação não será apresentado oficialmente ao FMI. Ele confirmou que o Brasil poderá não sacar a terceira parcela do empréstimo colocado à disposição do país, de cerca de US\$ 9 bilhões. A decisão será tomada após a conclusão da revisão.

A divulgação dos últimos indicadores da economia fez o BNDES rever suas projeções de crescimento para este ano. Os economistas do banco acreditam que a variação do PIB em 1999 ficará entre uma queda de 0,5% e uma alta de 0,5% em relação a 1998. Trata-se de uma das projeções mais otimistas sobre o desempenho da economia nos últimos meses. Os economistas do BNDES ressaltam, no entanto, que ainda restam algumas dúvidas quanto à mudança de tendência. Primeiro, por questões estatísticas e de ajuste sazonal.

Mercado aposta em novo corte das taxas de juros até segunda-feira

No mercado, ontem, a aposta era de que o BC voltaria a usar o viés de baixa dos juros até a próxima segunda-feira. A calma no cenário político, após a turbulência provocada pela divulgação das fitas do grampo no BNDES, abriu espaço para que o BC mantivesse o ritmo de corte nas taxas sem provocar reação negativa do mercado. As taxas indicadas nos contratos futuros de DI (depósitos interbancários), por isso, cederam fortemente. O contrato de maior liquidez, o que indica juros para julho, fechou ontem apontando taxa de 22,29% ao ano, contra 23,03% na véspera.

A expectativa era de um corte de um ponto percentual nos juros básicos ontem mesmo ou na segunda-feira. Os juros dos negócios feitos a termo, para serem liquidados somente na terça-feira, caíram para 22,5% à tarde, contra uma taxa básica em vigor de 23,5%.

A agitação no mercado de juros contrastou com o baixo volume de negócios no mercado de câmbio e nas bolsas de valores. Na véspera do fim de semana e de um feriado em Nova York, na segunda-feira, a maioria dos investidores preferiu apenas monitorar o mercado e operou pouco. O dólar pouco oscilou e fechou em R\$ 1,723, contra R\$ 1,72 do dia anterior. A Bovespa fechou praticamente estável, com baixa de 0,06%, e a do Rio teve queda de 0,10%.

Da Agência O GLOBO



ARMÍNIO FRAGA, ao centro, é abordado por jornalistas na chegada à sede da Confederação Nacional da Indústria: juros seguirão em baixa